

IESCO – INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CENTRO-OESTE
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA POLÍTICA

Disciplina: Filosofia Política Contemporânea

Professora: Gabriela Lafetá

Aluna: Lucianny Maria Banhos de Oliveira

ENSAIO:

A Ação como instrumento da práxis política

Partindo do fato que Ação é um termo que cotidianamente não recebe tanto valor, mas que o decorrer da história comprova ser de extrema relevância, pois procura dar uma visão ou um modo de vida centrado na necessidade e no interesse humano. Hannah Arendt, ao defender que o ato de agir, de se ter a capacidade de iniciar processos novos graças ao fato de o homem ter nascido constrói uma ideia brilhante, pois demonstra dois pontos: primeiro, que o homem pode, por meio da ação, mudar a realidade; e segundo, que ele é o principal responsável pelos acontecimentos que o cercam. Isto é, ele nasce como possibilidade de mudança, de transformação, e qualquer que for a consequência de sua ação é de inteira e total responsabilidade sua. Outro ponto, é que não há a possibilidade de não agir, pois até mesmo a ‘inércia da ação’ gera uma mudança por omissão. Pensando nisso, por que as pessoas continuam a se excluírem de seu papel político distribuindo culpa para todos e se esquivando de qualquer responsabilidade?

Enquanto Arendt parte de uma análise a respeito da modernidade, - conforme se constata no dicionário de filosofia do Nicola Abbagnano - defendendo que o seu limite vem de uma valorização do trabalho e da produção em detrimento da ação, Baudrillard, que também parte de uma análise da modernidade, traz que o que se tem na realidade é a ‘massa’. Tudo é massa. Uma maioria silenciosa que se fecha, que vive bem, que come bem, que “trabalha somente o necessário e que o que reivindica aos seus patrões é ser paternalizada e tranqüilizada no que é preciso, além da sua pequena dose inofensiva de imaginário cotidiano” ¹. Por fim se abdica de participar dos ideais que lhes são propostos.

Arendt, numa defesa da ação como atividade política humana, parte de uma centralidade na ideia de esfera pública. Centralidade que se justifica por sua defesa da autonomia e da dignidade da política – condição essa que se perdeu devido à inversão de valores que ocorreu na modernidade, segundo afirma, no momento em que a esfera privada ganha dimensão pública e a política passa a se constituir numa mera esfera administrativa atribuída ao Estado. Segundo

¹ BAUDRILLARD, 19995, p.10 (nota de rodapé 1)

ela, a política firma-se quando os homens agem e comunicam coletivamente, fato que exige um espaço no qual esses homens possam se encontrar e interagir através da ação e da palavra. Tem-se, assim, um pensamento realista e idealista ao mesmo tempo, que não fantasia o estado do mundo, mas insiste com firmeza que, tal como está, não deve ficar nem continuar. Essa reflexão levou-a, em vista do primado da necessidade e do cuidado com a existência, relacionando a política com a oportunidade e o espaço de liberdade, frisando a importância do agir e da realização pessoal em comparação com a fixação da pura fabricação de produtos, a contrapor o valor mais elevado da felicidade pública à busca ao interesse privado e à boa vida. Quando relata, ao resgatar a *pólis* grega e as idéias de Aristóteles, qual é o verdadeiro sentido da política, quer enfatizar, que em meio às calamidades cotidianas e as insuficiências da política atual, não devemos nem podemos contentar-nos com isso. Apesar de todas as experiências contrárias, ela sempre apostou na possibilidade de o homem atuante começar de novo, de fazer a coisa diferente. Enquanto os homens puderem agir, Arendt escreveu em um de seus textos, eles serão capazes de fazer o improvável e o incalculável.

Baudrillard, entretanto, defende que, o fato de sermos apenas esporadicamente condutores de sentido se torna verdadeiro porque, essencialmente, nos comportamos como massa, vivendo a maior parte do tempo num modo de aversão, aquém ou além do sentido. Ele até coloca a questão: “por que após inúmeras revoluções e um século ou dois de aprendizagem política, apesar dos jornais, dos sindicatos, dos partidos, dos intelectuais e de todas as energias postas a educar e a mobilizar o povo, por que ainda se encontram (e se encontrará o mesmo em dez ou vinte anos) mil pessoas para se mobilizar e vinte milhões para ficar “passivas”? - e não somente passivas, mas por francamente preferirem, com toda boa fé e satisfação, e sem mesmo se perguntar por que, um jogo de futebol a um drama político e humano?”². Assim, tem-se que o único problema verdadeiro é o silêncio da massa que leva a um reconhecimento sempre ausente. Conforme defende Baudrillard, a massa absorve toda a energia social e não a refrata.

² BAUDRILLARD, 19995, p. 10

Absorve todos os signos e todos os sentidos e não os reflete, absorve todas as mensagens e as digere. Ela nunca participa. Transcursada pelos fluxos, se comporta como massa, se restringe a boa condução dos fluxos, mas de todos os fluxos, boa condução da informação, de qualquer informação, boa condução de normas, mas de todas as normas; com isso, se confina a remeter ao social sua transparência absoluta. Novamente, a forma é idêntica à dos buracos negros, ou seja, regiões do espaço segundo as quais não pode abranger nenhuma informação. Coisa que nada emite, nada responde. O silêncio da massa se compara ao dos animais. Embora examinada até a morte, todas as palavras artificiais lhe estejam disponíveis, a massa não tem verdade nem razão, não tem consciência nem inconsciente. Como Baudrillard afirma, ela é o enigma da equação política, um enigma que anula todas as equações políticas. O político procura captar as massas numa simulação social por meio dos meios de comunicação, em contrapartida são as massas que se tornam a simulação gigantesca do social. Não há manipulação.

Ele também enfatiza o fato de sempre se ter acreditado que são os meios de comunicação que enrolam as massas - ideologia dos mass-media³. Entretanto, percebeu-se que as massas são muito mais forte que todos os meios de comunicação, e que, na verdade, são elas que os enrolam e os absorvem. Um exemplo desse processo é o que aconteceu com o cinema, que surgiu como um meio racional, documental, informativo, social, e que caiu muito rápido e definitivamente no imaginário.

Contrariamente a esse pensamento Arendt aposta, ainda, na ação, já que o homem sempre pode começar de novo, pode agir, não precisando se conformar em ser manipulado por um destino externo a si. Ele tem liberdade para agir, ser livre para agir é agir em público, e público é o espaço original do político. Nele o homem deve mostrar-se em sua liberdade, se afirmar no trato político com outros. Mas, a adaptação adequada, a fuga ao privado, a retirada da responsabilidade política, a cômoda apatia política, todos esses modos de conduta tão aceitos hoje em dia desvirtuam a verdadeira política civilizada.

³ BAUDRILLARD, 19995, p. 24

Segundo Arendt o problema surgiu com advento da modernidade, uma vez que essa revelou efeitos causados pela supressão da política como ação compartilhada pelos homens, que ela vai defender a noção de esfera pública como lugar gerador da vida política, em oposição à idéia liberal de espaço agregador de indivíduos interessados que passam a experimentar uma forma radical de existência privada, comprovando que é graças a essa vida moderna que os homens se abstêm de qualquer ligação na dimensão política do espaço público e é a condição histórica que explica o surgimento dos regimes totalitários no século XX, que se caracterizaram pela total supressão da liberdade e pela atomização dos homens numa sociedade de massa.

Para Baudrillard, contudo, o que se tem é uma massa que se define como um grupo inumerável, inominável e anônimo, cuja força habita na sua própria desestruturação e inércia. Elas recebem tudo e repelem tudo por meio do espetáculo, sem exigência de sentido, sem resistência, fazendo, porém, com que tudo passe para uma indeterminação, assumam um outro sentido.

Baudrillard defende que o que as massas desejam é o espetáculo e nada consegue convertê-las à seriedade dos conteúdos. Temem a vontade política como temem a morte. Assim, reduzindo todos os discursos articulados a uma dimensão irracional e sem fundamento, onde os signos perdem seu sentido e se consomem na fascinação, no espetacular. Afirma também que todas as tentativas para fazer da massa um sujeito se deparam com a impossibilidade da tomada de consciência autônoma, bem como todas as tentativas em fazer dela um objeto se deparam com a evidência da impossibilidade de uma manipulação determinada das massas. A verdade é que ela se esgota num ciclo sem fim, frustrando todas as intenções dos manipuladores. Ela não é representável, objetivável e abole todos os sujeitos que pretenderiam representá-la.

Conforme ele defende é graças à sua inércia no percurso do social que lhe foi projetado que as massas superam os limites, e destroem todo o edifício.

“Hiper-simulação destrutiva, hiperconformismo destruidor” ⁴. É neste ponto, segundo Baudrillard, que se encontra o verdadeiro problema de hoje, diante desse enfrentamento “surdo e inelutável” das majorias silenciosas versus o social que lhes é imposto, numa “hiper-simulação” que repete a simulação e a lhe põe um fim partindo de uma lógica própria e não em alguma luta de classe.

Dessa forma nos deparamos com o fato, como ele afirma, das massas se recusarem à imersão no social e constatamos que todos os poderes acabam por se derruírem silenciosamente nessa maioria silenciosa, que é a sombra do poder, um precipício no vazio. Tal é a ruína do poder que se encontra em acordo a todas as solicitações e a um conformismo hiper-real que é a recusa da participação. Assim também é a ruína da revolução, uma vez que essa massa implosiva nunca explodirá realmente, pois é silenciosa e “involutiva”, contrária a todas as tomadas de palavra e de consciência. Nesse sentindo percebe-se que o único fenômeno que possui afinidade com as massas é o terrorismo. Isso porque ele é como elas, uma realidade sem representação, mas não se quer dizer que o terrorismo representaria o silêncio das massas, que manifestaria violentamente sua resistência passiva. O que se quer dizer é que ambos possuem um comportamento cego, despojado de sentido e de representação. E possuem essa característica comum porque são a forma atual mais exacerbada de negação de qualquer sistema representativo. É tudo. Assim se poderia dizer que entre as massas e o terrorismo é que procuram uma dispersão do social, uma absorção e anulação do político.

Entretanto, o convite que Arendt faz à autonomia da política tem por referência o modelo clássico de democracia antiga. É inspirada nessa experiência do mundo helênico que Arendt avalia as possibilidades e os limites da modernidade. Tais possibilidades pressupõem, em primeiro lugar, a recuperação da política na sua dimensão ativa e comunicativa, em seguida, vincular esta condição à construção da esfera pública. Uma vez que a época moderna, quando negou a natureza política à esfera pública, trouxe uma sociedade despolitizada marcada pela competição e instrumentalização de

⁴ Idem, p.26

tudo, onde os homens seguem agindo orientados pela necessidade, e isso, segundo Arendt, expressa o trabalho como condição da vida associativa, abstraindo-se, portanto, da sociabilidade especificamente política. O trabalho, que historicamente sempre fez parte da vida privada dos homens não promove, para Arendt, a sociabilidade própria da vida política, e o fato de ter se constituído, na modernidade, como ordenador da vida social, passa a incorporar os homens como produtores e consumidores. Mas isso significa a privação de um mundo compartilhado de significados e a prevalência dos interesses privados na arena pública.

Arendt acredita que a esfera pública é o lugar da concorrência da palavra e do agir humano em direção ao senso comum e, por isso, o lugar onde os homens revelam a sua singularidade. A condição de sujeito ativo permite ao homem revelar o que o torna singular, e isso o leva a inserir-se no mundo. Esta inserção é igual a um renascimento, onde confirmamos e admitimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico e original. Assim, pelo fato de ter nascido e chegado a um mundo já existente, os novos visitantes são impelidos a agir e a dar respostas ao mundo que aí está. A revelação da identidade através do discurso e o estabelecimento de um novo início através da ação acontecem sobre uma teia de relações já existente fato que exige um espaço público onde possa se concretizar e cuja singularidade seja revelada apenas no convívio dos homens. Um dos pontos fundamentais do pensamento de Hannah Arendt é o fato dos homens, enquanto tais, serem indivíduos únicos, capazes de uma ação original. Essa capacidade criadora é a manifestação ativa que paralisa o automatismo que é próprio a tudo o que existe e tem fim.

Baudrillard também coloca que, igual ao publicitário que não pode deixar de acreditar que as pessoas crerão - por pouco que seja, isto é, que existe uma probabilidade mínima de que a mensagem alcance seu objetivo e seja decodificada segundo seu sentido. Exclui qualquer princípio de incerteza, pois se fosse constatado que o índice de refração da mensagem sobre o destinatário é nulo, a publicidade desapareceria. Os leitores não observam

diferença entre os conteúdos, mas o meio se apresentando como espetáculo e fascinação. Dessa forma, as massas indicam, produzem indiferenciação - elas sustentam a fascinação do meio, uma vez que a fascinação não depende do sentido, mas é proporcional à insatisfação com o sentido. Uma fascinação que vem da neutralização da mensagem em benefício do meio, uma neutralização da idéia em captação do ídolo, neutralizando a verdade em proveito do simulacro. Também é a esfera política que vive de uma hipótese de confiabilidade, uma vez que as massas são permeáveis à ação e ao discurso, que elas têm uma opinião, que elas estão presentes atrás das estatísticas. É a isso que a classe política se apegava para acreditar que fala e é ouvida politicamente. Contudo, o político há muito tempo não passa de um espetáculo no interior da vida privada, servindo como entretenimento semi-esportivo, semilúdico. Baudrillard identifica uma grande semelhança entre o jogo eleitoral e os jogos televisados no que tange a consciência do povo. O povo se fez público. Segundo defende, é o jogo, o filme ou os desenhos animados que servem de modelos de percepção da esfera política. E apesar do povo apreciar também só o cotidiano, como um filme de sua vida, nada disso estimula a uma responsabilidade. Baudrillard enfatiza que em nenhum momento as massas se encontram engajadas de forma consciente política ou historicamente, fato que não representa uma fuga diante do político. Até os anos 60, a história confere que o privado e o cotidiano não são mais do que o oposto obscuro da esfera política. O que se percebe é um recuo das massas à sua esfera doméstica, uma recusa da história, da política e do universal, e uma assimilação do cotidiano encharcado no consumo exacerbado. Para ele, “as massas despolitizadas não estariam aquém, mas além da política, o privado, o inominável, o cotidiano, o insignificante, os pequenos ardis, as pequenas perversões, etc., não estariam aquém, mas além da representação” ⁵. Assim, as massas realizariam em sua prática “ingênua” – por não esperarem, em suas análises, sobre o “fim do político” – a extinção do político, seriam diretamente “transpolíticas”. Partindo da resistência ao hiperconformismo. Resistência essa ao trabalho, à medicina, à escola, à segurança e à informação.

⁵ BAUDRILLARD, 19995, p.22

Baudrillard também expõe que os representantes do povo são bastante inocentes ao acreditarem que sua eleição veio por meio de uma aprovação e de um consenso popular, não desconfiando que é equivocado o fato de conduzir alguém ao poder e que a ruína de uma classe política é o espetáculo mais gratificante. É fato que no mais íntimo da famosa “consciência popular”, a classe política, seja ela qual for, será sempre o inimigo fundamental.

Logo, se para Arendt a ação é a única atividade que pode assegurar continuidade justamente porque ela engendra originalidade e é começo, para Baudrillard isso é impossível, pois o que temos são maiorias silenciosas mergulhadas na inércia e são que a própria “inércia”. As massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm desejo a realizar e sua força é o seu silêncio. A massa é um conjunto no vácuo de partículas individuais, de resíduos do social. É o buraco negro em que o social se precipita. A massa é sem atributo, sem predicado, sem qualidade, sem referência. Ela não tem nada a ver com alguma população real. Na massa desaparece a polaridade do um e do outro. Ora, as massas funcionam mais como um gigantesco buraco negro que inclina, submete e distorce implacavelmente todas as energias e radiações luminosas que se aproximam. Como Baudrillard afirma, trata-se de uma esfera implosiva, em que todas as dimensões se dobram sobre si mesmas e regridem até se anularem, deixando em seu lugar e espaço somente uma esfera de absorção potencial.

Enfim, podemos concluir que a ação é fundamental para a existência da esfera pública definido por Hannah Arendt, e que não há justificativa para a aceitação de calamidades cotidianas e insuficiências da política atual. O homem atuante tem a possibilidade começar de novo, de fazer a coisa diferente e enquanto puder agir, será capaz de fazer o improvável e o incalculável, não precisando se conformar em ser uma marionete de um destino situado fora de seu ser. Tem a liberdade para agir, e ser livre para agir é agir em público, e público é o espaço original do político, onde o homem deve mostrar-se em sua liberdade e espontaneidade, e se afirmar no trato político com outros, fugindo da cômoda apatia política. E não age porque pertence à

maioria silenciosa que prefere o silêncio, a não participação, a inércia, e abomina qualquer tomada de consciência transformando todos os acontecimentos a sua volta em espetáculos cotidianos. Mas, é possível pensar em um despertar da massa? Depois de tudo que foi exposto acima é possível sim pensar em um despertar da massa, uma vez que temos produtores de conhecimento, de sentido, indivíduos conscientes que simplesmente não vão se contentar em ser engolidos, vão continuar gritando, vão continuar se esforçando, inovando, pois têm a consciência de que são um novo começo. O que falta é descobrir como conscientizar a massa, uma vez que esta adormece em sua cômoda apatia. Talvez a solução que temos é um despertar singular, um trabalho de conscientização individual, um a um, até atingir o ponto em que o barulho seja maior que o silêncio.

BIBLIOGRAFIA

ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*/Hannah Aendt; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *O Que é Política?* / Hannah Arendt; editoria, Ursula Ludz; 3. ed. tradução de Reinaldo Guarany. – 3. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias silenciosas - O fim do social e o surgimento das massas*/Jean Baudrillard; tradução de Suely Bastos. 4. ed. - Editora Brasiliense, 1985.